
JORNAL CONECTANDO SABERES

**Quando a Natureza
Cobra Seu Preço:
AS ENCHENTES NO RIO
GRANDE DO SUL**



PET DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA

32ª EDIÇÃO

JANEIRO/2025

ANO XIV



Coordenação e Revisão Textual:

Alessandra Gasparotto

Redação:

Bianca Duarte

Carlos Eduardo Silva Ferreira

Giovana Pozza

Isadora Ugoski Dame

Luíza de Oliveira Maciel

Raphael Meireles de Oliveira

Stefani Domingues

Projeto Gráfico, Diagramação e infografia:

Giovana Pozza

Isadora Ugoski Damé

Luan Lucas Valins da Silveira

Luíza de Oliveira Maciel

Robson Rodrigues da Silva Junior

Capa:

Luan Lucas Valins da Silveira

Isadora Ugoski Damé

Contracapa:

Luíza de Oliveira Maciel

Fotografia:

Michel Corvello

(Prefeitura Municipal de Pelotas)

Colaboração

Fabiane Fagundes da Fonseca

Olá, caros/as leitores/as!

Apresentamos a 32ª edição do Jornal Conectando Saberes, com o título "**Quando a natureza cobra seu preço: As enchentes no Rio Grande do Sul**".

Nesta edição, abordaremos temas relacionados a catástrofe climática que o Estado do Rio Grande do Sul - e o mundo - enfrenta/ou este ano através do ponto de vista dos/as nossos/as petianos/as, além de apresentar ações desenvolvidas por este grupo no ano de 2024. Aproveitem a leitura!

SUMÁRIO

1. Agradecimentos	Página 5
2. Introdução	Página 7
3. Racismo ambiental, o que é isso?	Página 8
4. Do Aviso à Tragédia: As Enchentes no Rio Grande do Sul e o Preço do Crescimento Desenfreado e da Inação Climática	Página 10
5. Chove dentro de mim	Página 12
6. As Enchentes no Rio Grande do Sul em 2024: Desafios e Respostas do Sistema de Saúde	Página 13
7. O Desafio da Sobrevivência: Como os Animais São Afetados pelas Enchentes em Pelotas, Rio Grande do Sul	Página 16
8. O clima tá tenso: as fake news e o negacionismo climático.....	Página 18
9. Do Caminhão Militar à Brinquedoteca: História de um Dia como Voluntária na Colônia Z3	Página 22
10. Filha da Pesca Artesanal: Entrevista com Fabiane Fagundes	Página 25

AGRADECIMENTOS

AOS NOSSOS QUERIDOS

ANDERSON ROBERTO CRUZ DA SILVEIRA
DULCINÉIA ESTEVES SANTOS
ELIANA DUARTE DA ROCHA
GIULIA DOS SANTOS
HERISON DE CARVALHO SILVA

É com grande alegria que o Jornal Conectando Saberes, em nome de todos e todas as atuais participantes do PET Diversidade e Tolerância, gostaria de expressar nossa profunda gratidão aos colegas **Herison, Anderson e Dulcinéia** por suas significativas contribuições como bolsistas do nosso Programa. **Herison**, sua dedicação e criatividade trouxeram uma perspectiva única e enriquecedora ao nosso grupo. **Anderson**, sua energia e comprometimento foram essenciais para o nosso desenvolvimento. **Dulcinéia**, sua força e resiliência deixaram uma marca inapagável em nosso programa. Desejamos a ambos muito sucesso nos novos projetos em que se envolverem, e que continuem a brilhar e inspirar a todos ao seu redor.

Além disso, gostaríamos de parabenizar com muito carinho as Petianas **Giulia e Eliana** por suas formaturas. Giulia e Eliana, vocês conquistaram uma etapa importante e merecem todo o reconhecimento por isso. Que este novo período seja repleto de muitas felicidades e conquistas. Estamos muito orgulhosos de vocês e desejamos que continuem a trilhar caminhos brilhantes e de muito sucesso.

Com carinho,
Equipe Editorial do Jornal Diversidade e Tolerância e PET Diversidade e Tolerância

AGRADECIMENTOS

AO PROJETO “MÍDIAS SOCIAIS DO PET DT” – REFLEXÃO SOBRE A EVOLUÇÃO EM 2024

Em 2024, o projeto “Mídias Sociais do PET DT” destacou-se como um marco transformador para a comunicação do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes – Diversidade e Tolerância (PET DT). A Equipe Editorial deste jornal, com enorme agradecimento e orgulho, reconhece os esforços dos petianos, da tutora e de todos os envolvidos que contribuíram para o sucesso desta iniciativa. Sob a liderança da petiana Giulia, o projeto foi idealizado e executado com grande qualidade, consolidando a presença digital do PET DT e promovendo diversidade, tolerância e disseminação de informações científicas por meio do Instagram. Ao longo do ano, alcançamos resultados importantes. Em março, nossas publicações atingiram 900 visualizações, mas, com planejamento estratégico e trabalho colaborativo, chegamos a 28 mil visualizações no último mês, um crescimento expressivo de 3011,11%. Este avanço simboliza a capacidade do grupo em adaptar-se e inovar para amplificar nossas mensagens e promover reflexões construtivas. Temas como combate às fake news, racismo, violência de gênero, assédio moral e sexual, e questões sobre sustentabilidade e inclusão foram apresentados de maneira acessível e criativa, gerando impacto social significativo. Publicações como charges abordando críticas sociais e fake news destacaram-se, sendo as mais engajadas, demonstrando a relevância de dialogar sobre temas atuais. Nosso público, predominantemente jovem e local, também reflete o sucesso da estratégia em criar conteúdos que dialoguem diretamente com a comunidade local e fortaleçam a conexão entre o PET DT e a sociedade. O destaque na Semana Integrada de Inovação de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIPE) foi mais um reconhecimento da qualidade e relevância do projeto. A apresentação do trabalho “Influência responsável nas mídias sociais: uma análise do papel da ciência através do Instagram” validou nossa abordagem de unir ciência e redes sociais para combater a desinformação. Os desafios enfrentados ao longo do caminho – como dificuldades com ferramentas digitais e autogestão – foram superados com soluções criativas e colaborativas, como o Workshop de Canva para iniciantes e o suporte contínuo da equipe coordenadora. Essas ações reforçam o espírito de aprendizado e resiliência que define o PET DT. Com o início de 2025, a gestão do projeto será passada para o petiano Luan, que continuará o trabalho trazendo novos olhares e ideias para ampliar ainda mais o impacto desta ação. Temos plena confiança de que a dedicação e o comprometimento que marcaram a liderança de Giulia também estarão presentes na gestão de Luan, fortalecendo ainda mais o PET DT nas plataformas digitais. Agradecemos a cada petiano e petiana que, com dedicação e criatividade, contribuiu para fortalecer o PET DT nas plataformas digitais. Que este sucesso inspire novos voos em 2025, consolidando ainda mais nossa presença digital e o compromisso com a ciência, a diversidade e a inclusão.

Juntos, mostramos que é possível transformar conhecimento em ação e construir uma sociedade mais informada e tolerante.

ENCHENTES DE 2024: SOLIDARIEDADE, DESIGUALDADE E A NECESSIDADE DE AÇÃO

O ano de 2024 foi marcado por um dos maiores desastres naturais da história recente do Rio Grande do Sul. De forma devastadora, milhares de pessoas e animais foram afetados, com cidades inteiras sendo submersas pelas águas, deixando um rastro de destruição e sofrimento. Além dos danos materiais, as enchentes de 2024 expuseram as profundas desigualdades sociais e a fragilidade do planejamento urbano, revelando como a falta de infraestrutura e a ocupação irregular do solo agravam os efeitos desses eventos extremos.



Foto: Michel Corvello

“As desigualdades sociais amplificam os impactos dos desastres climáticos, tornando a resposta às calamidades uma questão de justiça social.”

Em meio a esse cenário de calamidade, a resposta de solidariedade foi imediata, com milhares de voluntários se unindo para oferecer apoio às vítimas, prover abrigos temporários, distribuir alimentos e cuidar dos animais afetados. A atuação dos voluntários, em conjunto com as organizações locais e os abrigos, foi fundamental para aliviar a dor e o sofrimento das famílias que perderam tudo. Entretanto, as enchentes de 2024 também evidenciaram a importância de se repensar políticas públicas de prevenção, cuidados ambientais e a necessidade de uma estrutura mais robusta para atender às populações vulneráveis durante essas catástrofes.

Stefani Domingues

Medicina - UFPel



SOBRE A 32ª EDIÇÃO DO JORNAL CONECTANDO SABERES

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as enchentes de 2024, destacando o impacto devastador nas comunidades e nos ecossistemas, além da resposta voluntária que se tornou um pilar essencial para o auxílio às vítimas. Discutiremos a urgência de políticas públicas que integrem a gestão de desastres naturais, a mitigação dos impactos ambientais e a redução das desigualdades sociais, de forma a garantir que o Rio Grande do Sul esteja mais preparado para enfrentar futuros desafios. A mobilização social, o cuidado com o meio ambiente e o fortalecimento das redes de apoio são peças-chave para construir uma sociedade mais resiliente e equitativa diante das catástrofes naturais.

REFERÊNCIAS

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA.** *Relatório de Atividades de Resposta às Enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cruz Vermelha Brasileira, 2024. Disponível em: [www.cruzvermelha.org.br] (<http://www.cruzvermelha.org.br>). Acesso em: 16 jan. 2025.

DEFESA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL.** *Relatório de Desastres Naturais no Rio Grande do Sul - Enchentes de 2024*. Porto Alegre: Defesa Civil, 2024. Disponível em: [www.defesacivil.rs.gov.br] (<http://www.defesacivil.rs.gov.br>). Acesso em: 8 jan. 2025.

Desigualdade Social e Desastres Naturais: O Caso das Enchentes no Rio Grande do Sul*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 45-67, jun. 2024. DOI: 10.1590/rbeu.2024.0045.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO SUL (SEMA). Relatório de Impactos Ambientais das Enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SEMA, 2024. Disponível em: [www.sema.rs.gov.br] (<http://www.sema.rs.gov.br>). Acesso em: 6 jan. 2025.

ZERO HORA. Enchentes de 2024: O impacto nas comunidades do Rio Grande do Sul*. Zero Hora, Porto Alegre, 15 abr. 2024. Disponível em: [<https://www.zh.clicrbs.com.br>] (<https://www.zh.clicrbs.com.br>). Acesso em: 11 jan. 2025.



RACISMO AMBIENTAL, O QUE É ISSO?

Bianca Leocadio Duarte

Nutrição - UFPel

O Racismo ambiental é uma forma de discriminação que ocorre em meio a impactos ambientais, quando a população que mais sofre os impactos negativos são as mais pobres e marginalizadas (Fundo Brasil, 2023).

Esse termo nasce no ano de 1982, pelo ativista de direitos civis Benjamin Chaves, na ocasião de um protesto contra a instalação de um depósito de resíduos de lixo em um bairro povoado majoritariamente por pessoas negras na Carolina do Norte (CEERT, 2023).

Viver em casa de madeira fina, sem estrutura, sem planejamento de engenharia, com telhados de zinco expõe diretamente a intempéries, assim como viver em áreas pouco aterradas à beira de rios e encostas (Brasil de Fato, 2024).

Sabe-se bem qual o perfil das pessoas que residem nestas zonas consideradas de perigo ambiental por questões geográficas e de falta de planejamento; são populações periféricas de baixa renda e que em sua maioria é negra.

Como se já não bastasse essas populações que moram nestas zonas de perigo por falta de oportunidades melhores, podemos observar esse tipo de racismo quando pessoas com maior poder aquisitivo usam seus privilégios em detrimento de outras menos favorecidas.

Um bom exemplo disso é a maneira como o termo Racismo Ambiental se tornou conhecido, citado no início da matéria, através da tentativa de criação de um lixão em uma área comum a pessoas negras e pobres. Um outro exemplo é o que aconteceu na cidade de Pelotas durante as fortes chuvas que acometeram o Rio Grande do Sul no período de abril à

maio de 2024, quando o estado foi castigado com um mês de fortes chuvas e enchentes que foram do interior a capital, atingindo 470 cidades, matando 183 pessoas e deixando 29 desaparecidas (G1, 2024).

Nesse contexto, Pelotas viveu semanas de angústia, pois a enorme quantidade de água das chuvas chegou até a cidade em alguns dias. As autoridades do município se prepararam com abrigos e apoio a população. Um fato inusitado aconteceu em meio ao caos e apreensão que a cidade sofria: um condomínio luxuoso, vizinho a uma zona periférica da cidade, contratou bombas para a retirada da água que chegaria pelo canal do seu entorno, jogando a água em direção ao bairro onde vivem famílias de baixa renda, compostas em sua maioria por pessoas pretas (CNN, 2024).

Quando me deparei com uma notícia dessas, me perguntei o que a pessoa ou as pessoas que instalaram estes ductos e bombas pensaram em relação às outras pessoas que iriam receber todo o volume de água que seria desviado do seu condomínio de luxo? Por que as suas casas deveriam ser protegidas a qualquer custo, mesmo que isso prejudicasse as pessoas já prejudicadas naturalmente pela geografia, renda, entre outros?

O caso foi denunciado as autoridades e as bombas foram retiradas horas depois, pois repercutiu negativamente na cidade. Casos como este tornam perceptível os mecanismos que continuam perpetuando práticas racistas - fortemente sustentadas pelo racismo estrutural - que aqui se manifestam no contexto socioambiental.

Referências:

1. BRASIL e o racismo ambiental. CEERT, 2023. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/44839/brasil-e-o-racismo-ambiental> . Acessado em: 16/12/24.
2. FERNANDES, Karina Macedo, GASPERIN, Sabrine Tams. CIDADES e racismo ambiental: perspectivas da tragédia socioclimática no Rio Grande do Sul. Brasil de fato, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2024/05/20/cidades-e-racismo-ambiental-perspectivas-da-tragedia-socioclimatica-no-rio-grande-do-sul> . Acessado em: 03/01/25.
3. POLÍCIA retira “duto clandestino” usado para escoar água de condomínio em Pelotas (RS). CNN, 2024. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-duran/nacional/policia-retira-duto-clandestino-usado-para-escoar-agua-de-condominio-em-pelotas-rs/#:~:text=Pol%C3%ADcia%20retira%20%E2%80%9Cduto%20clandestino%E2%80%9D%20usado,de%20condom%C3%ADnio%20em%20Pelotas%20\(RS\)&text=Uma%20opera%C3%A7%C3%A3o%20conjunta%20entre%20as,a%20situa%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D%2C%20afirmaram%20eles](https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-duran/nacional/policia-retira-duto-clandestino-usado-para-escoar-agua-de-condominio-em-pelotas-rs/#:~:text=Pol%C3%ADcia%20retira%20%E2%80%9Cduto%20clandestino%E2%80%9D%20usado,de%20condom%C3%ADnio%20em%20Pelotas%20(RS)&text=Uma%20opera%C3%A7%C3%A3o%20conjunta%20entre%20as,a%20situa%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D%2C%20afirmaram%20eles). Acesso em: 28/12/24.
4. SOBE para 183 número de vítimas após enchente no RS; 27 pessoas seguem desaparecidas. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/08/09/enchentes-rs-mortos-desaparecidos.ghtml> . Acesso em: 23/11/24.
5. THAMARA. O que é racismo ambiental e como afeta as comunidades marginalizadas. Fundo Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-e-racismo-ambiental-e-como-afeta-as-comunidades-marginalizadas/> . Acesso em: 12/10/24.

DO AVISO À TRAGÉDIA: AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL E O PREÇO DO CRESCIMENTO DESENFREADO E DA INAÇÃO CLIMÁTICA

Carlos Eduardo Ferreira

Filosofia - UFPel

O meio ambiente não é apenas uma questão local ou nacional. Todo ecossistema mundial está interconectado, tornando indispensável a colaboração internacional para enfrentar os desafios ambientais. Nesse contexto, o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 79ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, destacou a urgência dessa abordagem global:

"Em tempos de crescente polarização, expressões como 'desglobalização' se tornaram corriqueiras. Mas é impossível 'desplanetizar' nossa vida em comum."

Embora o Brasil se apresente como um país comprometido com a sustentabilidade, ainda persiste uma lógica econômica que gera danos ambientais profundos. Ao se engajar ativamente em fóruns internacionais e promover a COP 30, que ocorrerá em Belém, no Pará, de 10 a 21 de novembro de 2025, com foco em energias renováveis, o Brasil tenta se posicionar como líder global na luta contra as mudanças climáticas. No entanto, o país segue investindo fortemente no agronegócio, com valores que podem alcançar impressionantes R\$ 500 bilhões – e, sim, você leu corretamente. Este setor, um dos maiores responsáveis pelas emissões de gases de efeito estufa no Brasil, perpetua um modelo de negócios que depende de uma estabilidade climática que, ironicamente, é minada pelas suas próprias práticas (Pompeia, 2023, p. 2).

A desregulação ambiental no Brasil, impulsionada pelo agronegócio, resulta em práticas que enfraquecem ou ignoram as leis ambientais. Isso leva à perda de biodiversidade, ao aumento das emissões de carbono e à poluição dos recursos naturais, impactando tanto o ecossistema global quanto o brasileiro (Pompeia, 2023).

Nesse sentido, podemos citar o exemplo da regulação fundiária voltada para médias e grandes empresas, associadas a setores políticos em prol de uma agenda vinculada à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e acompanhada pela Aprosoja (Pompeia, 2023, p. 9).



Durante a pandemia, o então ministro do governo Bolsonaro, Ricardo Salles, articulou ações que buscavam alterar regulamentações infralegais, promovendo ajustes em normas ambientais e fundiárias (Pompeia, 2023, p. 10).

AS ENCHENTES QUE VARRERAM O RIO GRANDE DO SUL

O ano de 2024 foi marcadamente difícil para aqueles que estiveram na linha de frente das crises climáticas no Rio Grande do Sul. A pesquisa “Não é hora de procurar culpados”: O desmonte de políticas ambientais no governo de Eduardo Leite e a calamidade pública no Rio Grande do Sul de 2024, das autoras Naiara Bones e Luana Broni de Araújo, da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), revelou dados alarmantes: 96,18% do estado foi afetado, com mais de 2 milhões de pessoas impactadas e 183 mortes confirmadas até agosto (p. 9). Esses números traduzem, de forma concreta e dolorosa, o peso que essas mudanças climáticas têm imposto até o presente momento.

Esses estudos indicaram que a tragédia climática foi intensificada em 15% por atividades humanas diretas. Esse cenário, aliado à agenda neoliberal promovida por governos, apresenta uma contradição: embora alguns discursos políticos se posicionem contra práticas destrutivas ao meio ambiente, muitos, em considerável medida, acabam operando como servos de um regime "pibista", voltado apenas para os números de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Esse modelo, dominado por setores que lucram à custa da degradação ambiental, perpetua práticas que ignoram os limites ecológicos em favor de interesses econômicos.

Não por acaso, as mudanças promovidas pelo governador do estado, que priorizaram o empreendedorismo e flexibilizaram regulamentações ambientais sob o pretexto de "modernização do Código Ambiental", ocorreram em um período próximo aos eventos climáticos extremos previstos pelo Projeto Brasil 2040. Durante a gestão da ex-presidente Dilma Rousseff, o estudo custou aos cofres públicos R\$ 3,5 milhões e alertava para o aumento das cheias no Sul e das secas no Norte do país. Contudo, apesar de sua relevância, antes de ser finalizado o relatório foi engavetado, deixando de subsidiar ações necessárias para mitigar os impactos das mudanças climáticas. O relatório pode ser acessado no site da Agroicone.

A necropolítica* ambiental, no entanto, não se restringe ao Rio Grande do Sul. No estado de São Paulo, por exemplo, em um período de 12 anos, apenas 58% dos valores orçados para combater os desequilíbrios nos ecossistemas foram efetivamente executados (Arcoverde, Globo News, 2023). Essas omissões reiteradas resultam em graves problemas socioambientais, que afetam de forma desproporcional as populações mais vulneráveis, ampliando as desigualdades e os impactos das mudanças climáticas.

O Brasil precisa reavaliar urgentemente suas prioridades enquanto nação. É evidente que a população tem sido excluída das decisões políticas, em um jogo que privilegia o crescimento econômico a qualquer custo e atende, prioritariamente, aos interesses de acionistas do mercado financeiro e do agronegócio. É indispensável adotar uma abordagem que integre desenvolvimento sustentável com justiça social.

A luta contra as mudanças climáticas não pode se limitar a discursos em fóruns internacionais; ela exige ações concretas que traduzam esse compromisso para o âmbito doméstico. É fundamental promover um equilíbrio entre economia, meio ambiente e direitos humanos, garantindo que políticas públicas reflitam as reais necessidades da sociedade e estejam alinhadas com os princípios da sustentabilidade e da inclusão social.

CHOVE DENTRO DE MIM

Poema de Cadu Ferreira

Chove dentro de mim

Chove pelas paredes,

Chove pelas casas,

Chove pelos olhos,

Chove pelas bocas.

Não para de chover.

Os rios, lagunas, lagoas chovem,

E vão chovendo de cima pra baixo,

Até encher os bueiros

E fazer chover ratos.

Faz três meses que as pessoas chovem.

Chovem leptospirose,

Chovem morte,

Chovem lastros,

Chovem falta de sorte.

A única coisa que parece não chover

É a boa vontade de quem tem poder à vontade,

Fazendo chover a política dos cortes,

Cortando meu coração em mil pedaços

E fazendo-o chover por toda Pelotas.

AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL EM 2024: DESAFIOS E RESPOSTAS DO SISTEMA DE SAÚDE

Isadora Ugoski Damé
Medicina - UFPel

As enchentes que devastaram o estado do Rio Grande do Sul em 2024 deixaram um rastro de destruição e colocaram em xeque a capacidade do sistema de saúde em responder a uma crise de grande escala. A tragédia afetou milhares de pessoas, desalojou famílias inteiras e evidenciou a necessidade urgente de medidas coordenadas para assegurar o acesso a cuidados médicos, medicamentos e apoio psicológico.

As enchentes

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou uma das maiores catástrofes climáticas de sua história. Embora algumas cidades tenham sido mais afetadas que outras, todas as regiões atingidas apresentaram demandas relacionadas à saúde, muitas vezes com especificidades locais. Em Pelotas, por exemplo, houve a iniciativa de criar abrigos para acolher os afetados pelas águas. Ao todo, foram mais de 700 pessoas alojadas em abrigos, totalizando mais de 230 famílias desabrigadas. Foram disponibilizados sete abrigos públicos para atender a demanda. Entre os abrigos criados, destacam-se o da Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel), que acolheu cerca de 46 famílias, totalizando 119 pessoas, e o abrigo situado no Movimento Mariano Cenáculo, onde foram abrigadas aproximadamente 11 famílias, somando 40 pessoas.

Cada um enfrentou desafios únicos devido ao perfil do público que atendia.

No abrigo da ESEF/UFPel, que abrigava um grande número de pessoas, escalas de atendimento foram implementadas com equipes de profissionais de saúde, incluindo médicos, farmacêuticos, enfermeiros e nutricionistas. As tarefas eram distribuídas conforme a área de atuação de cada profissional. As farmacêuticas, por exemplo, gerenciavam a distribuição de medicamentos, enquanto um residente em Medicina de Família e Comunidade, junto a acadêmicos do Curso de Medicina, realizavam triagens, renovação de receitas e atendimentos subsequentes. A equipe de Enfermagem se dedicava a curativos, aplicação de medicamentos e testes rápidos.

No abrigo do Cenáculo, voltado para famílias neurodivergentes, as equipes de Terapia Ocupacional (T.O) organizaram atividades para auxiliar os abrigados a enfrentarem o momento de crise.

Um dos grandes desafios encontrados foi o manejo de medicamentos e a renovação de prescrições. Muitos desabrigados perderam suas receitas e não tinham acesso imediato a medicamentos essenciais. Equipes de saúde realizaram buscas ativas para identificar necessidades prioritárias.

Cadastro de abrigados na plataforma e-sus.



A plataforma e-SUS, utilizada nas Unidades Básicas de Saúde, foi fundamental para acessar o histórico médico e de medicamentos dos pacientes. Contudo, uma parcela significativa não possuía registros na plataforma, exigindo avaliações minuciosas e acompanhamento próximo devido à escassez de recursos para exames complementares, que seriam importantes para identificação das patologias e manejo adequado.

Para apoiar os atendimentos, especialistas de diversas áreas, incluindo cardiologia, nefrologia, pediatria, reumatologia, endocrinologia, pneumologia, infectologia e dermatologia, se colocaram à disposição para consultas e esclarecimentos. Uma medida emergencial que se destacou foi a autorização para emissão de receitas digitais controladas (azul e amarela) pelo Conselho Regional de Medicina do RS (Cremers), em parceria com o Conselho Regional de Farmácia do RS (CRF-RS). Essa solução facilitou o acesso a medicamentos de uso especial, mesmo em áreas de difícil acesso, uma vez que as receitas podiam ser emitidas e enviadas eletronicamente.

Outro marco importante foi a implementação da teleconsultoria pelo Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Especialidades como clínica médica e endocrinologia ofereceram suporte remoto a médicos de localidades isoladas, permitindo a discussão de diagnósticos e tratamentos sem a necessidade de deslocamento dos pacientes. Essa iniciativa contribuiu para reduzir a sobrecarga nos hospitais e melhorar a qualidade do atendimento.

A resposta às enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul evidenciou a importância de sistemas de saúde resilientes e adaptáveis, além de destacar o papel essencial da colaboração entre profissionais de diferentes áreas e da comunidade em geral. Medidas como a utilização de plataformas digitais, emissão de receitas eletrônicas e expansão da teleconsultoria representam avanços que podem ser incorporados como práticas regulares, beneficiando a população mesmo em tempos de normalidade.



Voluntários da equipe médica do abrigo da ESEF.

HE-UFPel oferece teleconsultoria para apoiar médicos de Pelotas durante enchentes no RS. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/he-ufpel-oferece-teleconsultoria-para-apoiar-medicos-de-pelotas-durante-enchentes-no-rs>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Cremers implanta receituários on-line azul e amarelo com apoio do CRF-RS. Disponível em: <<https://cremers.org.br/cremers-implanta-receituarios-on-line-azul-e-amarelo-com-apoio-do-crf-rs/>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Abrigo de Pelotas é referência em acolhimento e integração. Disponível em: <<https://www.pelotas.com.br/noticia/abrigo-de-pelotas-e-referencia-em-acolhimento-e-integracao>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Mais de 700 pessoas estão em abrigos municipais em Pelotas. Disponível em: <<https://www.jornaltradicao.com.br/pelotas/geral/mais-de-700-pessoas-estao-em-abrigos-municipais-em-pelotas/>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

O DESAFIO DA SOBREVIVÊNCIA: COMO OS ANIMAIS SÃO AFETADOS PELAS ENCHENTES EM PELOTAS – RIO GRANDE DO SUL

Giovana Pozza

Terapia Ocupacional - UFPel

As enchentes no Estado do Rio Grande do Sul iniciaram em Abril de 2024, em Pelotas as águas chegaram dia 8 de Maio. O Canal São Gonçalo atingiu 3,06 metros, superando em 18 centímetros o nível da enchente de 1941.

Com o avanço das águas várias pessoas precisaram sair de suas casas, com isso diversos animais ficaram sem ter para onde ir.

Muitos tutores, durante as enchentes, não saíram de casa por não saberem para onde levar seus animais, enfrentando uma situação difícil e sem alternativas viáveis. No entanto, por outro lado, outros animais foram abandonados, deixando-os em situação de vulnerabilidade e sofrimento, sem a proteção de seus responsáveis.

Nesse momento, iniciou-se a montagem de abrigos para animais, com o objetivo de proporcionar um espaço seguro e acolhedor para os pets que estavam sendo resgatados ou abandonados durante as enchentes. A ação foi essencial para garantir o bem-estar dos animais, oferecendo proteção e cuidados enquanto as condições melhoravam. Animais de rua que estavam em locais considerados de risco eram resgatados e imediatamente levados para os abrigos, onde recebiam cuidados adequados e estavam fora de perigo. Esse resgate foi crucial para garantir a segurança e o bem-estar dos animais, afastando-os das áreas inundadas e perigosas.

Para abrigar todos esses animais, a prefeitura criou dois abrigos oficiais: Um no estádio Boca do Lobo e outro na Associação Rural de Pelotas; porém, esses dois locais não eram suficientes para o grande número de animais que estava sendo resgatados. A demanda por abrigos crescia a cada dia, tornando-se um desafio para acomodar todos os animais que precisavam de um lugar seguro e cuidados adequados. A situação exigia soluções rápidas e eficazes para garantir o bem-estar de todos: foi então que criaram-se diversos abrigos provisórios, organizados por voluntários, que se uniram em um esforço coletivo para oferecer apoio aos animais resgatados.

Esses espaços improvisados, mas cheios de cuidado e dedicação, tornaram-se fundamentais para acolher o grande número de pets abrigados.

A solidariedade dos voluntários foi essencial para minimizar o sofrimento em meio à crise, contando também com as doações de ração, medicações, materiais para a construção de baias, jornal, caminhas e cobertores (já que as baixas temperaturas predominam no inverno gaúcho!).

Os voluntários foram de suma importância nesse momento. Entre eles estavam médicos veterinários cuidando da saúde de diversos animais que necessitavam, mas também demais pessoas da

população, que cuidavam da higiene, alimentação e manejo de estresse com passeios e muito carinho. Essa intensa mobilização fez toda a diferença nesse período, já que os animais também sofreram um grande impacto. Porém, o trabalho nos abrigos não acabou com o fim da enchente, pois enquanto alguns tutores buscaram seus pets, havia o cenário dos animais abandonados e que haviam sido resgatados das ruas. Conforme as águas começaram a baixar, e muitos animais retornaram para seus tutores - os que ainda residiam nos abrigos foram sendo remanejados para casas de passagens e abrigos da prefeitura onde surgiam vagas. Porém, por conta da necessidade de um lar para que esses animais não retornassem às ruas, iniciaram-se as feiras de adoção de animais.

Gestores voluntarios Aubrigo da FAMED.



Estrutura montada por voluntários no Aubrigo da FAMED.



“O que trouxe forças para seguir foi o olhar de amor em cada animalzinho que estava ali: isso fez valer a pena cada momento.”

Infelizmente, nem todos os animais conseguiram um lar, porém conseguiram ser salvos em meio a grande catástrofe climática.

Foram momentos muito desafiadores, onde o cansaço - físico e mental - tomou conta, as incertezas sobre o dia de amanhã eram assustadoras, pois não sabíamos se teríamos medicações necessárias ou com o que alimentá-los no outro dia.

O que trouxe forças para seguir foi o olhar de amor em cada animalzinho que estava ali: isso fez valer a pena cada momento.

O CLIMA TÁ TENSO: AS FAKE NEWS E O NEGACIONISMO CLIMÁTICO

Raphael Meireles de Oliveira

Música/Composição - UFPel

Quem acompanha as notícias acerca do clima e do meio ambiente sabe como esse é um assunto delicado para nós, brasileiros e brasileiras. Somente neste ano de 2024, já houve acontecimentos impactantes e que geraram grande comoção nas mídias sociais, escancarando a situação de insegurança e emergência climáticas na qual nos encontramos. Em grande parte das pessoas, esses acontecimentos acenderam o alerta de como as mudanças climáticas afetam diretamente as nossas vidas... Grande parte, pois ainda há uma parcela da população que insiste em descredibilizar tais fatos e dar ouvidos às notícias falsas - popularmente chamadas de fake news - que só atrapalham no combate ao aquecimento global e na adesão de políticas públicas de preservação ambiental. Segundo um artigo da Deutsche Welle (2024), a desinformação climática é entendida como o “compartilhamento de informações falsas ou de dados atuais pré-selecionados sobre as emissões de combustíveis fósseis ou sobre as mudanças climáticas, o que inclui a omissão dos dados completos sobre esses temas”; sendo assim, entende-se que o compartilhamento de notícias falsas pode ser entendido como parte da disseminação de desinformação climática. Material desse tipo pode ser compartilhado por engano ou má compreensão, mas há grupos que se utilizam dessas informações infundadas as usando para defender suas pautas.

De acordo com Ergon Cluger (2023), “o ‘negacionismo climático’ é uma postura que rejeita, nega ou minimiza as evidências científicas sobre as causas e os impactos das mudanças climáticas provocadas pela ação humana”; e quem que corrobora com tais atitudes é chamado de negacionista climático. Essas pessoas negam que haja de fato ação humana nas mudanças climáticas e, assim, negam também os efeitos dela, como o derretimento das calotas polares, o aumento do nível do mar e da temperatura global, por exemplo. Isso se intensifica em terrenos que são especialmente férteis para a ação dos negacionistas, com destaque para a internet e as redes sociais. Online, acontece a formação de bolhas digitais que reúnem internautas de valores semelhantes e, sejam esses valores corretos ou não, são reforçados por notícias que reafirmam essas crenças:

As bolhas digitais afirmam as verdades queridas, ou seja, elas reafirmam as informações com base nas opiniões que o usuário já possui, instigando a opinião como uma verdade absoluta, inflamando emoções e atitudes sucedendo em disseminação do conteúdo que não garante o fato real, mas sim o fato com base na realidade que se quer ver. (Rehbein, 2024; p.11)



Por mais contestáveis que essas informações falsas sejam, elas se popularizam tão rápido quanto as informações verdadeiras. Um exemplo a ser citado aconteceu durante o desastre ambiental que assolou o Rio Grande do Sul no final de abril e parte de maio de 2024. Na ocasião, a influenciadora digital Michele Dias Abreu, de Minas Gerais, associou as enchentes a alta concentração de terreiros de religiões de matriz africana na região Sul, alegando que isso seria sinal da ira do deus judaico-cristão para com essas pessoas (Portal G1, 2024). Por mais absurdo e incontestavelmente falsa que seja essa afirmação, ela viralizou através do compartilhamento das pessoas, estejam elas cientes ou não da mentira. Além disso, o caso mostra como as informações falsas podem não necessariamente vir de um veículo da imprensa, como jornais, portais ou blogs. Outro caso que vale mencionar aconteceu relacionado às queimadas de 2024. Dentro desse contexto, circulou uma fake news de que o Governo Federal e os comunistas haviam adquirido um drone incendiário, para espalhar queimadas e “dar embasamento à sua falácia do aquecimento global” (G1, 2024). O suposto drone aparece em um vídeo de 2018, que pertence a uma empresa que não tem relação com o Governo Federal, e a informação falsa é apresentada na legenda desse material. Mas em meio a tanta informação diferente, como saber qual é verdadeira ou não? Assim, fica difícil saber o que fazer para evitar compartilhar ou cair numa fake news. É preciso que as pessoas aprendam como navegar com segurança nesse mundo digital.

Segundo o G1 (2024), há algumas medidas que podem nos ajudar:

Verificar a veracidade das mensagens: Antes de compartilhar, verifique se as informações são verdadeiras. Preste atenção às fontes e origens do conteúdo;

- Não compartilhar se tiver dúvidas: Se você não tem certeza sobre a
- veracidade da mensagem, não a compartilhe.
- Encaminhar para grupos de verificação: Envie mensagens suspeitas para
- grupos de verificação de fatos;
- Denunciar mensagens falsas: Utilize as ferramentas das redes sociais e sites
- para denunciar conteúdos falsos;
- Procurar informações contrárias: Busque opiniões e informações que
- contradigam suas crenças para ter uma visão mais equilibrada;
- Rer ler informações: Se uma mensagem te deixa irritado ou indignado, releia e
- questione a veracidade;
- Checar em várias fontes: Cruze informações e verifique em diferentes fontes;
- Manter-se informado: Estar atualizado ajuda a identificar informações falsas.

Os canais de checagem de fatos são excelentes para averiguar se uma informação é confiável. Podemos citar, dentre os que há: Fato ou Fake; Estadão Verifica; Lupa; Uol Confere; dentre outros (FURG, s.d.):

Uma outra medida que será bem vinda é a regulação das redes sociais, outro assunto muito comentado durante 2024. Com ela, seria muito mais difícil que notícias falsas circulassem tão livremente, e elas seriam muito mais

NOME DO CANAL	ACESSO AO CANAL
Fato ou Fake	g1.globo.com/fato-ou-fake/
Estadão Verifica	www.estadao.com.br/estadao-verifica/
Lupa	lupa.uol.com.br
UOL Confere	noticias.uol.com.br/confere/

Tabela: Canais de checagem e seus endereços na web

Mesmo em uma era de grande avanço científico, ainda há pessoas que escolhem não acreditar nas informações amparadas pela ciência. Por escolha própria ou por delegar a sua escolha a uma terceira entidade, como uma crença religiosa ou um movimento político, por exemplo. Lidar com a grande quantidade de informações que temos à nossa disposição hoje pode ser desafiador. Com o desenvolvimento das mídias digitais, vem se tornando cada vez mais importante conhecer maneiras de discernir aquilo que é fato daquilo que é fake. As informações falsas têm um enorme potencial de disseminação, chegando até mesmo a ameaçar a democracia de uma nação e, como foi exposto até então, a defesa do meio ambiente.

facilmente identificadas e desmentidas. Além disso, as leis contra os disseminadores de fake news seriam melhor estabelecidas, acarretando em penas mais severas e na transparência de dados.

Enfrentar a desinformação climática é essencial para garantir a preservação ambiental e a construção de uma sociedade informada. Felizmente, para nos auxiliar, podemos usar maneiras de identificar e evitar as notícias falsas e, em caso de qualquer dúvida, podemos recorrer a um canal de checagem de fatos. Cada indivíduo tem um papel nesse combate, utilizando ferramentas e práticas que valorizem a ciência e a verdade.

CUGLER, Ergon. É preciso dizer o óbvio: a crise climática não é fake news. São Paulo: Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/e-preciso-dizer-o-obvio-a-crise-climatica-nao-e-fake-news/>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

DEUTSCHE WELLE. O que é desinformação climática e por que isso é relevante? [S.l.]: Carta Capital, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-desinformacao-climatica-e-por-que-is-so-e-relevante/>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

DOMINGOS, Roney; G1. É #FAKE que governo tenha comprado drone que provoca incêndio florestal. [S.l.]: FATO OU FAKE, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/09/24/e-fake-que-governo-tenha-comprado-drone-que-provoca-incendio-florestal.ghtml>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

G1 MINAS. Influenciadora que associou tragédia climática no Rio Grande do Sul a religiões de matriz africana é denunciada pelo MP. Belo Horizonte: G1, 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/18/influenciadora-tragedia-rio-grande-do-sul-religioes-matriz-africana-denunciada-pelo-mp.ghtml>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

REHBEIN, Katiele; LONDERO, Alessandra; TYBUSCH, Jerônimo. DESINFORMAÇÃO: A PERCEPÇÃO PÚBLICA SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS. In: Congresso Nacional de Direito e Contemporaneidade, 7, 2024, Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria, 2024. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2024/12/4.5.pdf>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Ferramentas de auxílio à detecção de Fake News. [S.l.]: Sistema de Bibliotecas, s.d. Disponível em: <https://biblioteca.furg.br/pt/ferramentas/ferramentas-de-auxilio-a-deteccao-de-fake-news>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

DO CAMINHÃO MILITAR À BRINQUEDOTECA: História de um Dia como Voluntária na Colônia Z3

Luiza de Oliveira Maciel
Psicologia - UFPel



Caminhão Militar - 18º Batalhão

Pelotas, RS - 22 de maio

As costas já doíam de tanto bater contra a madeira dura que servia de encosto. O banco desconfortável fazia com que os glúteos, já cansados de amortecer os saltos que meu corpo dava a cada solavanco do veículo, ficassem enrijecidos. A chuva era forte e o vento gelado. Cercada de rostos familiares e outros desconhecidos, agarrava-me a uma colega que conheci naquela mesma manhã, a fim de nos segurarmos uma à outra e, através do calor tátil, tentar se aquecer. Estávamos no caminhão do exército a caminho da Colônia de Pescadores Z3. Em meio a brinquedos e doações, enfrentamos 1h de viagem até chegar ao destino. Lá, muito barro e água por todo lado.

Chegando ao abrigo, logo avistamos as crianças e suas famílias que ali estavam morando temporariamente. O lugar, que até então não tinha um espaço de lazer destinado às crianças, era preenchido por muitas camas e cadeiras que acomodavam os pertences carregados pelas pessoas abrigadas. A arrumação do local se dava pelas próprias pessoas, contando com o trabalho dos militares na parte da cozinha. Algumas voluntárias revezavam-se em prol da organização e manutenção do funcionamento orgânico do abrigo. As crianças, animadas com a brinquedoteca recém instalada, corriam para ver os novos brinquedos doados. A satisfação de vê-las entretidas e divertindo-se era perceptível no olhar de muitos voluntários que ali trabalhavam.

Porém, mesmo com as possibilidades de brincadeiras, notava-se a dispersão que muitas crianças apresentavam – muito provavelmente por não estarem em suas casas, seu espaço, sua rotina. As aulas também haviam parado. A necessidade de atividades para as crianças era mais alarmante; por este motivo, alguns membros do Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância estavam ali a fim de organizar uma oficina de origami com os pequenos.



Oficina de origami para as crianças

Organizamos as mesas em linha reta, improvisando com o que havia disponível, e logo as crianças começaram a se aproximar, curiosas com os papéis coloridos que trazíamos. Sentamos ao redor das mesas com elas, entre conversas e olhares atentos. Enquanto o “Professor Herison”, petiano responsável por ministrar a oficina, ensinava as dobraduras, o restante do grupo auxiliava as crianças no passo a passo que transformava quadrados simples em corações, sapos que pulavam e tsuru (tradicional da cultura japonesa), as crianças pareciam espiarescer do caos que as cercava. Percebia-se que, mesmo demonstrando interesse por uma atividade diferente, boa parte dos olhares ainda seguiam dispersos e ansiosos. As crianças maiores apresentaram mais facilidade e as menores seguiam tentando apesar das dificuldades. Um menino, com cerca de cinco anos, segurou orgulhoso o coração que criou com ajuda de uma das voluntárias e correu para mostrar à mãe. Entre conversas, solidariedade e até mesmo discordância entre algumas crianças – que demonstravam irritação por compartilhar aquele espaço com tantas outras pessoas – a oficina correu bem. Conversando depois, constatamos que foi da forma que poderia ser. Era evidente que a oficina de origami tornou-se não apenas uma atividade para passar o tempo, mas também uma tentativa de proporcionar um pouquinho de leveza e esperança para aquelas crianças – e de certa forma também para nós, voluntários.

Depois da oficina, as famílias começaram a se organizar para o almoço. O cheiro da comida feita pelos militares que ali trabalhavam invadia o espaço. Com uma fila auto organizada, as pessoas eram servidas e acomodavam-se nas mesas plásticas de 4 lugares. Para que pudéssemos almoçar também, algumas pessoas emprestaram seus pratos e talheres. Era não somente interessante, mas digo até satisfatório, ver a forma como a organização do abrigo dava certo – evidentemente os voluntários desempenhavam um papel bem importante ali, mas mais do que isso: percebia-se o companheirismo criado entre as pessoas abrigadas. Tanto tempo juntos, a união junto a vontade compartilhada de superar tudo que estava acontecendo e, da forma possível, seguir em frente.

Após o almoço, aproveitamos para caminhar pela colônia Z3. O cenário era desolador. A água cobria grande parte do local, muitas casas ainda estavam parcialmente submersas. Onde não havia água havia barro. Muito barro. Muitas famílias haviam perdido praticamente tudo e agora tentavam se reorganizar nos abrigos ou nas casas de parentes. Passávamos pelas ruas, trocando palavras com alguns moradores locais. Apesar das dificuldades, algumas pessoas cumprimentavam com uma expressão resiliente, enquanto outras dividiam seus relatos emocionados sobre as enchentes. Muitos pescadores faziam trajetos de barco diariamente para averiguar o nível da água e os estragos causados pelas cheias. Era impossível não sentir o peso da situação, mas também fascinante perceber a força e resistência daquela comunidade.



Grupo Voluntariado

Depois da caminhada, retornamos ao abrigo para mais uma atividade com as crianças. A atividade foi realizada no chão de EVA azul da nova brinquedoteca, onde os pequenos estavam reunidos. Sentada no chão, auxiliei meus colegas a distribuir as folhas de atividades infantis, lápis de cor e giz de cera. Ali, buscamos proporcionar mais um momento de recreação para aquelas crianças. Algumas se aproximaram imediatamente, curiosas e animadas com os lápis coloridos, enquanto outras pareciam um pouco mais dispersas. A atividade iniciou com uma breve leitura, narrando uma história infantil que tinha relação com a situação que estavam vivenciando. Logo depois, instruímos as crianças no caça-palavras e demais tarefas que o folheto trazia. Passando para a pintura, pegavam os materiais com entusiasmo, rabiscando e colorindo livremente. Embora o momento tenha sido rápido, acreditamos que valeu a pena.

Ao final da ação, entregamos os materiais para que ficassem com eles – um gesto pequeno, mas que foi recebido com sorrisos e agradecimentos que guardei na memória. Lá pelas quatro da tarde, retornamos no mesmo caminhão que havia nos levado até ali. Entre os solavancos, refleti sobre o que havia vivenciado. A dor daquelas famílias era palpável, mas havia também esperança, solidariedade e uma força coletiva que emocionava. Ser voluntária naquele contexto foi uma experiência marcante. Acho interessante como estar no PET me coloca em contato com ações para além do âmbito acadêmico. Assim, os temas que muito discutimos na teoria, ganham um propósito na prática.

AS OFICINAS DE ORIGAMI, AS CONVERSAS COM OS MORADORES, O TRABALHO CONJUNTO COM OUTROS VOLUNTÁRIOS – TUDO ISSO REAFIRMOU PARA MIM QUE ESTAR ALI ERA ESTAR CONECTADO COM O QUE ME MOVE E FAZ SENTIDO. PENSO QUE A PALAVRA QUE FICA, AO FINAL DE TODA A EXPERIÊNCIA – E REFLETINDO SOBRE ELA ALGUNS MESES DEPOIS – É ENCONTRO. ALI ENCONTREI FAMÍLIAS ABRIGADAS, ADULTOS, CRIANÇAS, VOLUNTÁRIOS... COLEGAS E MENTORES. ENCONTREI, PRINCIPALMENTE, A FORÇA QUE EMANAVA DO CUIDADO QUE CADA PESSOA ALI TINHA COM O OUTRO AO SEU LADO.

FILHA DA PESCA ARTESANAL: A Luta e a Solidariedade Durante as Enchentes no Sul

Entrevista com Fabiane Fagundes da Fonseca

O impacto das enchentes em comunidades pesqueiras como a Barra de Pelotas foi devastador, com casas submersas, famílias deslocadas e uma longa luta para restabelecer condições mínimas de vida. Fabiane, técnica ambiental, bióloga e Mestra em Educação Ambiental (FURG), viveu tudo isso na pele. Mais do que afetada, tornou-se uma das principais vozes de organização e solidariedade na comunidade. Em entrevista, ela conta como enfrentou o caos das enchentes de 2023 e 2024 e destaca a força coletiva que emergiu desses momentos.

“Eu sou filha da pesca artesanal. Filha, neta e sobrinha de pescadores. Nasci e cresci na Barra de Pelotas, mais conhecida como Pontal da Barra. Minha trajetória sempre esteve conectada à pesca, tanto pessoal quanto profissionalmente. Saí da Barra para estudar, me formei técnica ambiental, bióloga e mestre em Educação Ambiental, mas nunca perdi minha ligação com a comunidade pesqueira.”

Desde sua formação, Fabiane desenvolve projetos voltados às comunidades pesqueiras. Atua no Fórum da Lagoa dos Patos e em iniciativas de valorização das tradições pesqueiras. Essa conexão profunda foi essencial para sua atuação durante as enchentes.

Duas enchentes, duas histórias de luta

“Antes da enchente de maio de 2024, que ganhou visibilidade internacional, a Barra já tinha sofrido muito com a enchente de setembro de 2023. Naquela época, ficamos um mês com água alta e cinco meses sem estrada, completamente isolados. Foi uma batalha para reconstruí-la. Só conseguimos em março de 2024, após muita pressão.”



A enchente de maio de 2024, no entanto, trouxe desafios ainda maiores. A água subiu mais e demorou muito mais para baixar. Fabiane precisou se mudar temporariamente para a cidade com sua família, enquanto coordenava ações emergenciais para os que permaneceram na Barra.

PRIMEIRA FRENTE: a assistência básica

“No início, o foco era garantir condições mínimas de sobrevivência. Comida, produtos de higiene, água e roupas de frio. Foi uma rede de solidariedade que se formou. Durante mais de 30 dias, levei refeições diariamente à comunidade. Nos primeiros dias, tentei levar janta também, mas era muito perigoso por causa da água alta e da falta de luz. Então, passei a levar almoço, junto com frutas e kits de café.”

Fabiane organizou a logística de entrega, utilizando seu conhecimento do território para acessar áreas que nem a Defesa Civil conseguia alcançar. “Eles não conheciam as famílias como nós. Muitos terrenos abrigavam mais de uma família, e isso não era identificado. Encontramos mais de 20 famílias onde a Defesa Civil tinha registrado apenas 10.”

FILHA DA PESCA ARTESANAL: A Luta e a Solidariedade Durante as Enchentes no Sul

Entrevista com Fabiane Fagundes da Fonseca

SEGUNDA FRENTE: reconstrução e luta por direitos

“Depois que a água baixou, o caos era indescritível. A maioria das casas estava muito impactada. Minha irmã perdeu a casa e a peixaria. Meu pai também sofreu grandes perdas. A estrada ainda tinha areia acumulada, e os carros atolavam. Precisávamos de serviços básicos da prefeitura, mas a Barra foi o último lugar a receber atenção.”

A luta continuou com reuniões e até ocupações da prefeitura para garantir o básico: remoção de entulhos, restabelecimento da estrada e assistência às famílias. Para Fabiane, garantir essas condições mínimas era essencial para que a comunidade pudesse, então, lutar por seus direitos.

Solidariedade e protagonismo feminino

O impacto das enchentes em comunidades pesqueiras como a Barra de Pelotas foi devastador, com casas submersas, famílias deslocadas e uma longa luta para restabelecer condições mínimas de vida. Fabiane, técnica ambiental, bióloga e mestra em educação ambiental, viveu tudo isso na pele. Mais do que afetada, tornou-se uma das principais vozes de organização e solidariedade na comunidade. Em entrevista, ela conta como enfrentou o caos das enchentes de 2023 e 2024 e destaca a força coletiva que emergiu desses momentos.

“A solidariedade foi a grande força que nos moveu. Vimos doações de todos os lados, mas também percebemos que, sem organização e conexão com a comunidade local, muitos recursos não chegavam onde eram necessários. Como filha da pesca artesanal, essa experiência só reforçou o quanto precisamos valorizar e lutar pelas nossas comunidades tradicionais. A LUTA CONTINUA.”

DIVERSIDADE & TOLERÂNCIA
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL

JORNAL CONECTANDO SABERES

32ª edição

@PET.DT

pet
diversidade
& tolerância

